



ECONOMISTA, FILÓSOFO E POP?

Eduardo Giannetti da Fonseca,
formado pela USP, com doutorado em Cambridge,
prepara-se para explicar economia na televisão

POR HUMBERTO WERNECK FOTO ROBERTA DABDAB

Às vésperas de se tornar cinqüentão, em fevereiro passado, Eduardo Giannetti da Fonseca tinha planos para uma nova fase em sua vida: escrever mais. Para isso, teria de fugir da dispersão paulistana – quem sabe isolando-se mais freqüentemente em Tiradentes, cidade histórica de Minas onde, em regime de “absoluta clausura”, sem telefone ou internet, escreveu dois livros –, dar menos entrevistas; fazer menos palestras – só em 2006, calcula, foram umas 120. Ao mesmo tempo, porém, Giannetti preparava-se para estrelar, como apresentador, uma série de dez programas de dez minutos, *O Valor do Amanhã*, que o *Fantástico* vai mostrar a partir deste mês. O escritor pegava, assim, uma contramão que certamente o fará, convertido em celebridade televisiva, ainda mais requisitado, como aconteceu com o médico Dráuzio Varella e o físico Marcelo Gleiser, protagonistas de séries semelhantes nas noites de domingo da TV Globo.

Giannetti pop star? Não passava por aí o projeto desse intelectual refinado cuja formação, de tão diversificada, tornaria difícil a escolha do que escrever sob o seu nome num cartão de visitas. Formado em economia e ciências sociais pela Universidade de São Paulo (USP), doutor pela universidade inglesa de Cambridge, onde lecionou durante três anos, ex-professor da USP que hoje ensina história do pensamento econômico nas Faculdades Ibmecc (Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais) São Paulo, o saber polivalente de Eduardo Giannetti se espria muito além desses rótulos, aos quais se soma o de filósofo. Talvez seja o caso de ficar com o de pensador, que de resto abarca todos os demais, permitindo-lhe enveredar pelas mais improváveis picadas.

Apenas dois volumes da biblioteca doméstica, no bairro paulistano do Alto de Pinheiros, constroem Giannetti – os seus próprios, de poesia, escritos nos anos 70

N

o fim do ano passado, por exemplo, desculpando-se por não saber ler uma partitura, Giannetti encantou exigente platéia em São Paulo com afinadíssima palestra sobre Mozart. A música, aliás, e não só a erudita, é uma de suas paixões, e dela sabe extrair mais do que prazer estético. Criticando o governo Lula num painel, meses atrás, ele sacou versos de Noel Rosa em *O Orvalho Vem Caindo* – “A minha terra dá banana e aipim / o meu trabalho é achar / quem descasque pra mim” – para calçar uma hilariante conclusão: “É o Bolsa-Família!”

Mineiro de Belo Horizonte transplantado para São Paulo com meses de idade, irmão caçula dos também economistas Marcos e Roberto Giannetti da Fonseca, ele vem construindo uma obra que alcança picos de best-seller. *Auto-engano*, de 1997, já vendeu 47 mil exemplares, fora as traduções na Inglaterra, Itália, Holanda, Iugoslávia e no Japão. *Felicidade* (2002) anda pelos 33 mil. E o mais recente, *O Valor do Amanhã*, que dá nome à série da Globo, em menos de dois anos bateu nos 32 mil exemplares. Nas livrarias, Giannetti já topou consigo mesmo na estante de auto-ajuda. Vê nisso um equívoco, mas consola-se com Shakespeare, em *Hamlet*: “Os nossos pensamentos são nossos, mas os seus fins não nos pertencem”.

A limpidez do texto ajuda a explicar a gorda vendagem. “Meus temas são áridos”, avalia, “e, se eu não seduzir o leitor pela linguagem, ele vai me abandonar.” A clareza é uma das qualidades que fariam de Giannetti “o pensador brasileiro contemporâneo mais interessante”, na opinião do filósofo e poeta Antonio Cicero. “Você turvar a água do seu pensamento é uma forma de desonestidade intelectual muito comum hoje no Brasil”, observa o ensaísta de *O Mundo desde o Fim*. Também Caetano Veloso, leitor de comprar e distribuir, se encanta com a capacidade de Giannetti de dizer limpidamente o que pensa. “É um oásis no panorama da cultura acadêmica brasileira”, define Caetano, mais de uma vez citado nos textos do escritor e que na série *O Valor do Amanhã* vai cantar um trecho de sua *Oração ao Tempo*.

Os programas, informa a roteirista e diretora Isa Grinspum Ferraz, vão se guiar pela preocupação em “simplificar, mas sem tirar a complexidade das questões”. Isa – responsável pela série de TV *O Povo Brasileiro* (2000) e pelos conteúdos e roteiros do Museu da Língua Portuguesa, de São Paulo – adianta que o propósito de *O Valor do Amanhã* é “pensar sobre o tempo, sobre como a gente age no tempo”.

ÁLBUM DE FAMÍLIA

A trajetória pessoal entre o Brasil e a Inglaterra



1962 >>> Aos 5 anos, na pré-escola Guarnieri, em São Paulo

1983 >>> Com a mulher, Christina Whiting, brasileira filha de inglês



Na telinha, ganhará redobrada ressonância a tese que Giannetti desenvolve no livro – grosso modo, a de que juros não são apenas aquilo que sangramos numa compra a prazo ou num empréstimo bancário, mas algo que perdemos ou ganhamos nas escolhas do cotidiano e que, espelhando a fábula da cigarra e da formiga, no fundo consiste em optar entre “viver agora, pagar depois” e “pagar agora, viver depois”.

Amiga de “Edu” desde a faculdade, Isa garante que a ele não falta cancha para seduzir o telespectador. Quem diria: até os 16, 17 anos, Giannetti, que viria a medir 1,93 metro, era o baixinho da turma no Colégio Santa Cruz e morria de medo de abrir a boca na sala de aula, pois um dia o professor viu gozação na sua voz fina de pré-adolescente. A lerdice na chegada dos hormônios, acha ele, concorreu para que fosse buscar compensação no terreno já familiar da literatura e das idéias – a mãe, a psicanalista Yone Giannetti da Fonseca, é poeta e teve um livro contemplado, em 1976, com o mesmo Prêmio Jabuti que, mais adiante, o filho ganharia em duas ocasiões.

A descoberta de Sartre, de Kafka, sobretudo do Dostoievski de *Os Irmãos Karamazov*, num curso de metafísica no colégio, foi para Eduardo um decisivo alumbramento. Na hora do vestibular, só não optou por filosofia porque o falecido pai, Justo Pinheiro da Fonseca, engenheiro e executivo de banco, o alertou para as incertezas da carreira. Giannetti admite que acabou fazendo “uma escolha prudencial”, mas não guardou frustração – anos mais tarde, deu força quando o filho único, Joel, hoje com 21 anos, quis cursar filosofia. Até porque Eduardo veio a descobrir, na leitura dos clássicos, que só de um século para cá o estudo da economia se desmembrou da filosofia, nada impedindo que se restaure a unidade no âmbito da história do pensamento econômico.



1986 >>> Piquenique em Cambridge, Inglaterra, ao lado do filho Joel, com 1 ano

1997 >>> Em Tiradentes (MG), onde costuma se isolar para escrever



2007 >>> Na gravação do primeiro episódio da série para a TV, em São Paulo

Antes disso, porém, o bem-comportado Giannetti – que hoje pode ser visto passeando nas imediações de sua casa, no bairro do Alto de Pinheiros, com os dois buldogues Ichabod e Quincas, pai e filho – foi um radical de esquerda, militante da Libelu, a organização trotskista Liberdade e Luta. Passou uma noite em cana quando a polícia da ditadura invadiu o campus da PUC de São Paulo, em 1977. Também aos 20, trocou o bem-bom da casa paterna por uma república de estudantes proclamada numa rua de terra, depois de conseguir o primeiro emprego, como pesquisador da Fipe, a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, da USP. Era, define-se, um “marxista de carteirinha”.

Desse tempo a amiga Isa guardou a estampa de um moço “lindo, cabeludado”, que “arrasava quarteiros”. Ainda enchia os ouvidos com o rock progressivo dos anos 70 – Jethro Tull, Yes, Gentle Giant –, que diz ter sido “a religião” de sua adolescência e que até hoje, vez por outra, revisita. Mas gostaria de esquecer que na juventude publicou dois livros de poesia, *Adolescência e Órbitas Pedestres*.

Quando seguiu para a pós-graduação em Cambridge, aos 24 anos, já começara a apelar do marxismo. Ele e vários companheiros. “Nós acreditávamos na iminência de uma revolução proletária internacional”, reconstitui, “e

de repente veio a revolução iraniana – exatamente o contrário daquilo que imaginávamos estar prestes a acontecer.” Não foi o único motivo de desencantamento: “Pensávamos que com a redemocratização no Brasil as idéias marxistas e os partidos operários ganhariam força e presença na política, mas o que se viu foi algo muito diferente”. Chocado, descobriu que o discurso marxista era mais convincente sob um regime autoritário do que numa democracia. “Intelectual nascido dos sonhos da revolução”, descreve Caetano Veloso, “Giannetti tornou-se um realista doce e solar.”

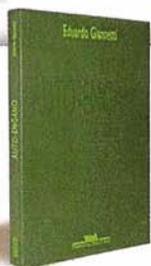
Sete anos de Cambridge, já ao lado de Christina Whiting, brasileira filha de inglês, arquiteta, com quem se casou em 1982, haveriam de solidificar as transformações por que vinha passando. Até então, rememora, vivia em busca de um filósofo com o qual pudesse identificar-se, para pensar à maneira dele. “Em Cambridge aprendi que não existe um pensador que vai resolver os problemas do pensamento por alguém, e que o mais importante é aprender a pensar por conta própria.”

As correções de rumo causaram perplexidade entre antigos pares. “Houve um que me acusou de ter passado para o lado da burguesia...”, diverte-se Eduardo. O qualificativo que os adversários lhe pespegam é o de neoliberal. Não se reconhece nele – e aproveita para puxar orelhas: “As pessoas

**“INTELECTUAL NASCIDO DOS
SONHOS DA REVOLUÇÃO,
ELE SE TORNOU UM REALISTA DOCE”,
DIZ CAETANO VELOSO**

AS IDÉIAS DE GIANNETTI

TRECHOS DOS TRÊS LIVROS MAIS VENDIDOS DO PENSADOR POLIVALENTE



AUTO-ENGANO 1997
47 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

Há um quê de quadratura do círculo no conceito de auto-engano. Enganar o outro não é problema: a ética sofre mas a lógica não grita. A criança mimada choraminga, o sedutor entoia lisonjas e jura amor eterno, o demagogo promete, o sonegador burla o fisco, o governante corrupto simula espírito público, o autor *manqué* plagia e o craque camtimbeiro se contorce de dor no gramado. (...) A credulidade da vítima é a grande aliada – o crédito fácil e barato – do enganador.



FELICIDADE 2002
33 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

O fato é que Adam Smith jamais confundiu a riqueza das nações com a felicidade das nações. Com a exceção dos miseráveis, ele acreditava que o contentamento e a dor, ao contrário da renda e do poder, estavam distribuídos de forma razoavelmente equânime entre as diversas classes da sociedade e que 'naquilo que constitui a verdadeira felicidade da vida humana, eles (os pobres) em nada se encontram numa situação inferior à daqueles que pareciam estar tão acima deles'.



O VALOR DO AMANHÃ 2005
32 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

(...) outra afinidade importante entre tempo e dinheiro é o fato de que são ambos valores que se prestam admiravelmente à aplicação da noção de custo de oportunidade. Ou isto ou aquilo: 'ou guardo o dinheiro e não compro o doce, ou compro o doce e gasto o dinheiro'. O custo implícito na compra de um artigo qualquer é o valor daquilo que deixou de ser adquirido com a mesma soma. Idem o tempo. (...) A restrição orçamentária das horas disponíveis no intervalo de um dia é equitativa, universal e implacável – nem um segundo a mais.

usam esse rótulo sem ter a menor noção do que estão falando”.

Seu colega e primo Paulo Nogueira Batista Jr. o vê como um liberal, e a si mesmo como um desenvolvimentista. Diretor-executivo do Brasil no Fundo Monetário Internacional (FMI), em Washington, e professor da Fundação Getúlio Vargas em São Paulo, Batista Jr. diz que, “com nomes diferentes, essa sempre foi a grande polarização na história do pensamento econômico brasileiro”. Vai no mesmo sentido a avaliação do economista Márcio Pochmann, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), para quem Giannetti “é representante do que de mais sofisticado temos no Brasil em matéria de pensamento liberal, prosseguidor de uma tradição que passa por Eugênio Gudín e Roberto Campos”.

Giannetti, que não gosta de rótulos, sente-se mais identificado com o que poderia ser chamado de iluminismo cético. Nada a ver, adverte, com certo iluminismo “entusiástico, exaltado”. “A maioria dos economistas acredita

numa noção de progresso e numa convergência entre tecnologia, bem-estar, felicidade. Eu acho que as coisas têm um custo. Nem todas as coisas boas, desejáveis, são compatíveis entre si. Quase sempre, para ter uma delas, você vai ter de abrir mão de outra. A condição humana é trágica.”

Daí Eduardo Giannetti considerar “profundamente amarga e corrosiva” a mensagem que desafia em seus escritos. “Tento delinear problemas que provavelmente não têm solução, faço perguntas que não têm resposta”, explica. Para dar o seu recado indigesto, recorre à sabedoria do filósofo e poeta romano Lucrécio, com quem aprendeu o “método agridoce”, que consiste em passar mel na borda do copo – “quando a pessoa percebe, já engoliu o remédio amargo”.

Amargo? Pode ser. Mas o sucesso de livreria e o interesse da Globo não deixam dúvida de que a posição intelectual de Eduardo Giannetti está agradando. **EM**



Leia trechos dos principais livros de Giannetti em www.epocanegocios.com.br